



CONCEPCIONISTAS
MISSIONÁRIAS
DO ENSINO

Semeia



COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

RELIGIOSAS CONCEPCIONISTAS MISSIONÁRIAS DO ENSINO

Semeia

Tradução:

MARIA PILAR DE VASCONCELOS

2ª Edição

2005



CONCEPCIONISTAS
MISSIONÁRIAS
DO ENSINO

SEDE PROVINCIAL:
Rua Humberto I, nº 395 - Vila Mariana
Cep: 04018-041 - São Paulo - SP - Brasil
www.concepcionistas.com.br



Beata Carmen Sallés Y Barangueras
Fundadora da Congregação de Religiosas Concepcionistas
Missionárias do Ensino

Sumário

I

APRESENTAMOS-LHES UMA MULHER DE CORAGEM ___ 09

A BEATA CARMEN SALLÉS _____	11
- Quem é Carmen Sallés? _____	13
- A força do fraco _____	15
- Mulher enamorada. _____	16
- Uma mulher comprometida com a liberdade _____	18
- A santidade não se improvisa _____	19

II

ESTA É SUA VIDA _____ 21

CARMEN SALLÉS CAMINHA PAR A SANTIDADE _____	23
- Uma família cristã, dos meados do século XIX _____	25
- O tempo corre _____	26
- Jovem de sua época _____	27
- Busca inquieta: Deus a chama _____	29
- Acontecimentos providenciais _____	30
- Concepcionistas em Burgos _____	31

NA INTIMIDADE COM CARMEN SALLÉS _____	33
- Quem sou eu para te seguir? _____	35
- Sobre os Santos _____	36
- E os que não são santos? _____	38
- Santificar-se no dia-a-dia _____	39
- Um financista muito especial _____	41
- Espanha... e mais além _____	44
AO ENCONTRO DE DEUS _____	47
- Agora, Senhor! _____	49
- Irmão corpo _____	50
- Preparando uma longa viagem _____	51
- Em sonora solidão . _____	53

III

E ESTAS SÃO SUAS OBRAS _____	55
CARMEN SALLÉS, PORTADORA DE UM FACHO DE LUZ _	57
- A luz da educação concepcionista _____	59
- Testemunhos da luz _____	61
- A “concentração” concepcionista _____	63
A VOZ DE DEUS _____	67
- Cuidarei de vocês _____	69
- O que acontece com a Irmã Amélia _____	69
- E agora, o que acontece? _____	71
- Mas... o que aconteceu? _____	72

Apresentamos- lhes uma mulher de coragem





A Beata Carmen Sallés



Quem é Carmen Sallés?

Que viu nela aquele sacerdote que se declarava disposto a “deixar-se cortar um dedo, o melhor de sua mão, contanto que se parecesse um pouco com essa Madre Carmen”?

Por que um homem de negócios fazia uma parada em suas contínuas viagens, entre Espanha e Argentina, para perguntar a sua filha única sobre Madre Carmen: “Que tem essa mulher no olhar, que fascina? Como é que me olhava, se seu recolhimento era tal que parecia não se dar conta de quem lhe estava falando?”

Como foi que um senador, livre-pensador convicto, chegou a visitá-la e saiu de sua entrevista disposto a transformar sua filantropia em caridade e seu claro anticlericalismo em público testemunho de fé?

E o que descobriam em uma freira, de idade mais que mediana...

- crianças de nove a dez anos, como Enrique Gosalvez ou Josefina Manzanera...
- adolescente de quinze, como Pedro Palomeque...
- jovens de dezoito, como Francisco Esquíroz...
- promissores estudantes de Magistério ou de Piano como Concha Crespo ou Gúdula Martínez-Conde...



para conservar sua lembrança como um tesouro, muitos anos depois de sua morte?

Por que um juiz ou um advogado não se decidiam a contrair matrimônio, enquanto não houvessem obtido o parecer de Carmen Sallés?

Por que, enfim, iam visitá-la tantas pessoas “só pelo prazer de conversar com ela...”?

Quem foi, como foi Carmen Sallés?

Antes de qualquer coisa, antes de tudo, uma mulher. Plenamente mulher. E mulher de seu tempo. Na sociedade e na Igreja da segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do século XX. O que, na verdade, não foi para ela uma tarefa fácil...

Por isso, para saber quem é Carmen Sallés, temos que nos perguntar:

Como foi MULHER, na fortaleza de sua debilidade?

Como foi ESPOSA – de Cristo, naturalmente – em sua simplicidade admirável, em sua sabedoria espiritual?

Como foi APÓSTOLA, em uma atividade que supôs um compromisso de liberdade?



A força do fraco

Estatura mediana, andar calmo, doçura no olhar e bondade no sorriso. A voz, suave e modulada. Uma descrição muito idealizada... se não fossem tantos os que a reiteram.

Luzes e sombras. A outra face da moeda é a saúde, nada boa. Sua própria irmã ficava surpresa de que Deus se servisse de instrumento tão frágil para empreendimentos tão árduos... Mas, claro! Esse é precisamente o estilo de Deus.

Carmen teve que começar por se conhecer, pouco a pouco, uma lição que logo recitaria com facilidade: “*O Senhor se compraz em manifestar seu poder na fraqueza e põe sua sabedoria à disposição da humilde ignorância.*”

Carmen, vendo como Deus dá valor ao que parece pequeno, decide que ela também fará isso. E ganha para Ele, indistintamente, o carpinteiro da casa, sendo gentil e dando-lhe atenção, como ajuda uma jovem a descobrir sua vocação oculta, mostrando-lhe, em tom de brincadeira, o exagero de suas preocupações com sua aparência ainda de menina, querendo ser mulher.

Pouca saúde..., caráter amável... Quando era necessário ficar séria, também o faz; dizem que é “mulher de caráter forte e de grande doçura”. Ela, de sua parte, explica que gosta de virtudes que sejam “sólidas, não essas ‘de relâmpago’ que fazem muito barulho...”



Acima de tudo, é uma mulher alegre, que sabe em Quem confiou. Por isso não lhe agradam as freiras “melancólicas”... Quando os pedreiros que trabalham na casa querem perguntar por ela, dizem: “essa que sempre sorri...” E levam flores para ela.

Esta alegria e esta doçura supõem uma simplificação, “para menos”, em sua amizade com Jesus? Justamente o contrário; sua teoria é que quem fica mais tempo perto d’Ele mostra maior progresso; e tem que ser mais compreensivo com os principiantes... Mas, ninguém pode ser mesquinho em suas aspirações: *“Já que o Senhor nos chamou a tão altos desígnios, esforcemo-nos para nos tornarmos dignas e aptas para realizá-los”*.

Fraca e forte, paciente e exigente, esta “mulher de coragem” nos mostra um caminho que ela é a primeira a percorrer.

Mulher Enamorada

Primero de tudo, dizíamos, mulher. E, como mulher, capaz de se apaixonar.

E apaixonou-se por um jovem, com o qual quase chegou às portas do casamento... Mas, no final, quem ganhou a partida foi Deus, jogando fora todas suas dúvidas: “havia nela – contam – uma decisão clara de seguir a Jesus... a vontade de ser sempre e só do Senhor”.



E... o que é que mais deseja uma mulher apaixonada? Carmen, sempre que podia ficar sozinha com Ele, entrava em oração... Estava tão à vontade! Logo tinha que sair – claro! - porque as ocupações eram muitas e ela ia ser uma dessas santas que têm os pés bem assentados no chão...

Mas, às vezes, estava tão compenetrada, que lhe custava deixá-la. Ela mesma nos falou daqueles *“celestiais abraços que enchem a alma de uma alegria inexplicável”*. Ficava absorta, como quem está em outra dimensão... Então as mães mais idosas pediam às jovens que saíssem da sala... e elas perdiam o final! “Não sei o que aconteceu depois”, disseram mais de uma vez.

Porém, nisto sim, insistimos, sem sair da realidade, que a sua era contemplação na ação; e se a uns “produzia-lhes a impressão de ser uma mulher totalmente arrebatada por Deus”, outros descobriam que “esse amor de Deus era o que a fazia tão trabalhadora”.

Exemplos do dia-a-dia, conseqüência desse amor de Deus: ao ver uma irmã que está varrendo a escada um tanto apressadamente, lhe pergunta: *“Por quem você varre?...”*; e, quando, com a lição bem aprendida, a interpelada responde: “Por Deus, Madre”, sai da alma da Madre o protesto:

“Então... faça-o bem!”



Uma mulher comprometida com a liberdade

A mulher, no século XIX, foi qualquer coisa, menos livre. Maior de idade aos vinte e sete anos, passava da tutela do pai para a do marido... Na prática, era considerada menor de idade por toda a vida.

E, se falamos da Igreja, uma expressão do Bispo de Barcelona, referindo-se à Carmen Sallés e aos acontecimentos, é suficientemente esclarecedora dos critérios vigentes: “É... mulheres... Afinal, que se pode esperar delas?”

Ser mulher em plenitude, assumindo direitos e deveres, não era tarefa fácil... Carmen não só a empreendeu pessoalmente, senão que, prescindindo, no possível, de preconceitos e ligações, empenhou-se em preparar odres novos para o vinho que já estava fermentando nas adegas da sociedade industrial.

Carmen, sem falsos alardes, sem ares combativos, vai fazendo, com simplicidade, o que acha que tem que fazer. Sua atitude, mais que a radicalismos feministas, corresponde à “mística da formiga” que, de grão em grão, faz seu celeiro; e que, de grão em grão também, pode fazer que oscilem os alicerces de um edifício mal construído... Evangelicamente falando, a sua é a “mística do grão de mostarda”.



Como religiosa, organiza uma congregação que apresentará como “*dirigida por fracas mulheres*”, o que supõe assumir sua própria responsabilidade como pessoa; só que isso não agrada muito a alguns sacerdotes e religiosos, acostumados a organizar a vida das freiras. E mesmo algumas congregações femininas, habituadas à tutela masculina, teriam dificuldade em aceitar este estilo de vida.

Como educadora, procura elevar o nível cultural da mulher. E é acusada de encher a cabeça das jovens de vaidade!!!...

O que foi dito: nada foi fácil para ela.

A santidade não se improvisa

Lendo e estudando tudo o que se disse sobre Carmen Sallés em seu processo de beatificação, os teólogos consultores resumiram suas impressões em alguns comentários que constituem um verdadeiro retrato da nova beata. Poderíamos dizer que o marco é a teologia e seu suporte a psicologia.

Um deles explica que seu retrato é “um caráter intrépido, com espírito forte, enérgico e decidido, moderado e harmonizado pela reflexão e a prudência, iluminadas pelo dom do conselho, mas sempre inspiradas



também pela magnanimidade que as impulsionava... As testemunhas a apresentam como pessoa ponderada, equânime, equilibrada”.

E outro completa: “mulher de índole corajosa, capaz de superar os obstáculos que se lhe apresentavam... quando se tratava da glória de Deus ia sempre adiante, ainda que fossem muitas as dificuldades que se lhe apresentavam no caminho”.

Porém, quem crê que este perfil humano - espiritual de Carmen Sallés corresponde a sua infância ou a sua juventude está enganado... ainda que fosse dotada de ricas qualidades.

É, sobretudo, o resultado de tomar consciência delas e, passo a passo, crescer, exercitando-as. O produto final será esta mulher que, no sentir de um dos teólogos citados, é capaz de “recolher os frutos de seu caminho espiritual precedente e iluminar com eles todo seu futuro”.

E ela mesma, que entendia destas coisas por sua própria experiência, explicava que “a santidade se alcança por graus”, isto é, que o santo não nasce, se faz. Por isso, para compreender com um exemplo prático como se faz, vamos nos aproximar à infância e juventude desta mulher a quem, hoje, podemos chamar de Beata Carmen Sallés.

Esta é
sua vida





Carmen Sallés caminha para a Santidade



Uma Família Cristã, de meados do século XIX

São as três da manhã. E é a primavera de 1848, nove de abril.

Era uma menina. A família celebra a chegada de Carmen, uma miniatura que passa de mão em mão, loira, de tez branca e olhos azuis.

Logo, muito logo – há pressa na família – querem que Carmen participe mais plenamente da vida de Deus: “Maria del Carmen Francisca Rosa, eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo...”

Para José e Francisca é a segunda entre os filhos, mas seu amor vai se prolongar ainda em uma família numerosa, na qual irão projetando seu sentido cristão.

Se rebobinarmos o filme de suas vidas, descobriremos José, muito criança ainda, dirigindo a “reza do terço”... Aprendeu-o de um companheiro de escola, um pouco maior que ele: Antônio Maria Claret. Seu próprio pai, em sua responsabilidade como prefeito de Sallent, ensina-lhe o respeito aos outros, a ajuda aos mais necessitados... E aprende que Deus está no horizonte de sua vida.

Francisca, a mãe, descobrimo-la ocupada, desde criança, ajudando nas tarefas de casa. No Colégio da Ordem de Nossa Senhora completa sua formação humana



e religiosa... Explica-se que a devoção a Maria seja uma nota destacada em sua vida.

Este substrato humano–cristão nos ajuda a compreender a trajetória de Carmen.

Mas, há mais. Em meados do século XIX, Vic, como cidade industrial, entrou em decadência. O ambiente político, gerado pelas guerras carlistas, é muito tenso... E, no entanto, é agora que esta cidade, na qual se cruzam vidas de alto relevo religioso e cultural, alcança sua máxima tensão espiritual: Santo Antônio Maria Claret, Jaime Balmes, Santa Joaquina de Vedruna, o poeta Jacinto Verdaguer...

Seus rastros, sem dúvida, deixam também sua marca no pensamento e no coração de Carmen Sallés.

O tempo corre

José e Francisca, em momentos de intimidade, refletem... Os filhos vão crescendo... É preciso ir pensando na orientação que vão dar a suas vidas...
...1856. A família Sallés decide mudar-se para Manresa. Esta cidade oferece boas possibilidades de emprego, pelo ritmo acelerado de sua ascensão industrial.

Carmen, com seus oito anos cumpridos, ingressa no Colégio que já tinha sido de sua mãe. Ali, completan-



do seu ambiente familiar, as freiras de Nossa Senhora vão modelando sua mente e seu coração com um equilíbrio no ser, unindo “piedade e letras”... “virtude e ciência”...

...1858. Outro acontecimento transcendente na vida de Carmen: no 18 de abril, recebe a Primeira Comunhão. O sacerdote que a confessa diz a seus pais: “Cuidem bem dela... É uma jóia com que Deus os presenteou”. Porque sua alma singular começa já a transluzir.

E outro acontecimento mais... De Manresa já se pode usar o trem-de-ferro para chegar a Barcelona e a Monistrol, ao pé de Montserrat. A família Sallés se põe em movimento, a caminho do Santuário da Virgem, para orar ante Ela e fazer a oferenda de seu carinho à Moreneta.

Anos depois, Carmen manifestará a uma das primeiras religiosas de sua congregação, entre a saudade e a lembrança, que foi em Montserrat onde sentiu o chamado de Deus. Carmen, ainda muito criança, mostra seu desejo de ser, de verdade, amiga de Jesus. Ela entende que isto é ser religiosa.

Jovem de sua época

...1863. Os pais a vêem crescer. Comenta a mãe: deve deixar o colégio, tem que começar a preparar seu enxoval. E é que, aos quinze anos, a maioria das



jo- vens estão já comprometidas. É preciso pensar em ca- sá-la.

Ocorre que, logo, um jovem, membro de uma família de boa posição, que une suas boas qualidades pessoais a seu brilhante futuro, se interessa por Carmen. Pretende fazê-la sua esposa.

Claro que se trata de um bom partido. Os pais aceitaram com agrado. E, quando tudo caminha seriamente, Carmen se opõe, suplica e ora.

Desconcerto e insistência, por parte dos pais. Carmen, por seu lado, resiste. Mostra uma têmpera excepcional para seus dezenove anos, educados na submissão à vontade paterna.

Procura luz em sua escuridão, fazendo dez dias de Exercícios Espirituais em seu colégio do Ensino. Na serena intimidade com Deus, renasce a luz: Deus a quer só para Ele, só para Ele.

Continua pertencendo à Associação das Filhas de Maria e visitando os enfermos do Hospital; dedica seu carinho e atenção, especialmente, às crianças... E passa longas horas ajoelhada aos pés do Crucifixo.

Sua irmã, que a observa, descobre-a “longos tempos imóvel na oração”. E para todos, acima dos acontecimentos, mostra um semblante amável e alegre.

Seu confessor, Padre Aliberch, diz dela: “Carmen é uma grande alma, um espírito formado segundo o Espírito de Deus, um coração cheio de bondade”.



Busca inquieta: Deus a chama

Uma porta se entreabre, finalmente, para ela. Um sacerdote, que descobre sua profundidade espiritual, sabe convencer seus pais. E acabam entregando a Deus a filha que lhes pede.

...1868. Maio. Numa situação de hostilidade ambiental com a vida religiosa, Carmen ingressa no noviciado das Adoratrizes, do povoado de Gracia, de Barcelona.

Pouco mais de um ano permanece no noviciado. Entregou-se com generosidade; mas, uma idéia cada vez mais clara vai calando em seu espírito. As jovens, algumas quase crianças ainda, a quem estas religiosas procuram “reformatar”, carecem de uma formação prévia que houvesse podido orientar sua conduta de forma muito diferente. Compreende com clareza que “prevenir é melhor que curar”. Descobre o valor da educação preventiva.

De novo, seu confessor a ajuda a orientar sua vida. E encontra o que desejava: umas Irmãs que se dedicam à educação.

...1871. Maio, de novo. Passa ao noviciado das Dominicanas, em Vic.

Vive anos de experiência, entrega, dedicação ao trabalho, oração intensa... Desempenha cargos de res-



ponsabilidade. Sua constante preocupação pela formação da mulher leva-a à criação de uma Escola Noturna para empregadas – até trezentas – que amplia a missão educativa do colégio

Acontecimentos providenciais

No meio desta atividade, o ambiente da comunidade religiosa se turva. Surgem dificuldades de tipo legal, em relação à sua aprovação eclesial como Instituto Religioso. Há um duro choque de opiniões e as dificuldades se multiplicam.

A partir destes acontecimentos providenciais, Deus vai traçando seus caminhos. À luz da oração e do conselho pedido, Carmen, com um grupo de Irmãs Dominicanas, entende que Deus lhes mostra outro caminho.

Uma vez mais, o tempo de noite escura, de nova busca e, sobretudo, de oração contínua.

...1892. São os primeiros dias do mês de outubro. Em Madri, Carmen se prostra ante Nossa Senhora do Bom Conselho, na catedral de Santo Isidoro. E em sua noite se faz a luz: *“É vontade de Deus. Vamos a Burgos. Ali lutaremos com o que se apresente. E Deus proverá...”*



Concepcionistas em Burgos

São quatro mulheres as que, cheias de fé, valentia e coragem, no quinze de outubro de 1892, atravessam o Arco de Santa Maria, a caminho da catedral burgalesa.

Começa a Eucaristia na capela do Santo Cristo: “Subirei ao altar de Deus...” reza o sacerdote. Também elas estão dispostas a “subir” para oferecer e oferecer-se. E chega o momento decisivo. Entrevistam-se com o Arcebispo de Burgos, Dom Manuel Gómez Salazar. Carmen lhe apresenta suas intenções, interrogações e desejos...

- Por que a formação da mulher não pode ser equiparada a do homem?
- Por que sua piedade há de ser puramente devocional, sem a base de uma fé bem formada?
- A educação preventiva não supera a corretiva?
- A atuação de Deus em Maria Imaculada não exemplifica o amor com que a previne do pecado, enchendo-a de Graça?

Suas interrogações encontram eco no Prelado, que, no dia sete de dezembro do mesmo ano, assina o Decreto de aprovação diocesana do Instituto. No dia seguinte, festa da Imaculada, as quatro primeiras concepcionistas vestem o hábito branco e azul.



Na intimidade com Carmen Sallés



Quem sou para seguir-Te?

- Muito. É grande demais para mim...
Quem sou eu, Madre Carmen, para tentar aproximar-me de ti, para seguir teus passos?
– *Não te preocupes... As coisas são mais simples do que parecem. Eu só fui um instrumento nas mãos de Maria Imaculada. Ela foi a verdadeira fundadora da congregação. Todas minhas filhas o viam assim.*

- Mas, para utilizar-te como instrumento, a graça foi derramada em ti. E assim, claro...
– *A graça... Por acaso te faltou alguma vez a graça? Dizer “graça” é como dizer “Deus contigo”. Se tu expressamente não a desprezas... Ele sempre é fiel.*

- Bem... suponhamos que é assim. E se eu não me sinto com força para corresponder a ela?
– *Olha, filha, a vocação – a cristã e a religiosa, não as separe – é como um forno que está quente, enquanto o alimentas adequadamente. Mas se descuidas dele, acaba se apagando.*

- E... a lenha?
– *Nem duvides disso: é a oração, esse caudal por onde desce a graça que enche o espírito e dá a vida.*



- É que, às vezes, nos momentos dedicados à oração, estou muito fervorosa, mas logo depois...
– *Acontece contigo como ao braseiro, não é? Pouco a pouco se consome e se apaga... Pois olha, se tens cuidado e cobre as brasas com cinzas, elas duram mais.*
- Antes, a lenha; agora, a cinza... O que significa?
O silêncio interior... Já sei que é mais difícil agora, com tanto barulho que existe. Mas, precisamente por isso, precisas de que o fogo aceso pela oração fique resguardado por essa maneira de silêncio que meu amigo São João da Cruz explicava como “atenção ao interior”...

A propósito de Santos...

- A propósito de Santos, qual foi teu preferido, M. Carmen?
– *Pois... que lhe direi? Eu me entendia muito bem com todos.*
- Bem. E sabias suas vidas de tal modo que, diziam, parecia que os tinhas a todos dentro de tua cabeça... Mas, o que mais?
– *Olha, entenda-o bem: só Deus é Santo. Todo dom nos*



vem da Trindade. Depois... sim; depois, estão essas suas criaturas...

- Por exemplo?
– *Podes duvidar? Maria. E, em particular, contemplada no Mistério de sua Imaculada Conceição.*
- Sabia... Dizem que era verdadeira paixão o que sentias por ela. Explica-me por quê?
– *É tão difícil expressar o que se leva tão dentro! No Mistério desta Mulher Imaculada, eu via refletido o abismo do amor de Deus, colocado sobre a pequenez de uma criatura sua. Maria é totalmente produto de Deus, sem interferências.*
- E além de Maria?
– *Podes anotar: a seu esposo, São José, o educador de Jesus; ele cuidou de meus colégios. A Santa Joana de Lestonnac nomeei padroeira das aulas. E São Domingos, tão amante da Puríssima Virgem Maria... Também Santa Teresa, com seus afãs de fundadora e sua vida de oração; seus escritos e os de São João da Cruz, os lia tão freqüentemente que quase os sabia de cor; os dois me ajudaram muito. Também o Santo Rei Davi...*
- Davi?! Não é uma devoção muito comum, não é mesmo?



– *Porque não é bem conhecido. Essa mescla de amor e de dor, de lealdade para com Deus, para o qual quer construir um templo como merece, e o arrependimento pelas próprias infidelidades, que cantou em alguns salmos tão bonitos e que eu os recitava diariamente... Nos meus últimos dias, quando já não podia fazê-lo, reparti-os entre as noviças; todas me ajudavam!*

E os que não são Santos?

- Com os santos, dá para entender; mas, com todo mundo... e então?
 - *Se te achas mais ou melhor que os outros, aí é difícil. No entanto, se em cada um souberes descobrir algo no qual te superam... Prova e verás.*
- É que não é fácil com todo mundo, igualmente...
 - *Claro que não! Olha, com algumas pessoas terás mais confiança para expressar tuas inquietações, tuas preocupações... E é bom que te desabafes. Só te ponho uma condição: que tudo o que fales sobre os outros, possas repeti-lo diante do Sacrário.*
- Está bom... Mas, se alguém vem com essa intenção, mas logo começa a criticar?



– *Cuidado! Creio que no que todos nós mais erramos é no julgar. Tu procuras não julgar a ninguém e, se alguém o faz em tua presença, deixa o respeito humano de lado e não o acompanhes na conversa... Acabará entendendo e... quem sabe não ficará com vergonha e evitará fazer isso daí por diante?*

- E quando te atribuem algo que está errado, algo que realmente não fizeste?
 - *Então, filha, lembra-te de como Jesus deveu passar, julgado por um tribunal de homens corruptos, sem abrir a boca para se defender.*
- Também há as pessoas doentes ou idosas; às vezes, são tão difíceis...
 - *Eu sei, eu sei... mas, olha como Jesus, sempre tão ocupado, aproximava-se deles, falava com eles, impunha-lhes as mãos... É questão de amor. E de confiança.*

Santificar-se no dia- a- dia

- Confiar, quando tudo vai bem, é fácil. Mas, às vezes... por exemplo, na sala de aula, acontece que, de vez em quando, perco a paciência... Perdão! Quero dizer que, com um montão de crianças, concentrar-se é mais difícil...



– E, no entanto, a concepcionista há de se santificar na sala de aula. Unida a Cristo, isso sim, pois a que mais está unida a Ele será a que conseguirá melhores frutos.

- É que, às vezes, há crianças tão levadas! E isso, dizendo “piedosamente”...
 - Não te lembras que escrevi que são justamente essas “travessuras” as que vão tecer as coroas de glória?
- Sim, me lembro, sim; mas até que chegue a coroinha... Porque reconhecerás que há crianças realmente difíceis.
 - Essas eram minhas preferidas! Se havia alguma criança órfã ou carente... especialmente as de caráter menos atraente, logo as detectava. Às outras, não falta quem lhes queira.
- E como chegavas a elas?
 - Queres conhecer o segredo? Ganha o seu coração! Esse é o caminho. Se vêem que as amas, te amarão; e, então, poderás levá-las ao verdadeiro Amor.
- Não é tão fácil...
 - Claro que não! Requer muita vigilância, com delicadeza, que não irrite; muita aproximação. Um interesse pessoal por cada um, por cada uma, com suas diferenças, seus gostos, suas ilusões...



- Como chegavas a conhecê-los?
 - Escutando-os! Não só quando me falavam diretamente; eles sabem muito bem o que “toca dizer” em cada caso. Eu os escutava nos recreios, nos tempos livres. Então, espontaneamente, expressavam o que levavam dentro. Não duvides, as palavras ditas descuidadamente são as que melhor revelam o que o coração esconde.
- M. Carmen, que eram, que são as crianças e os jovens para ti?
 - Um presente, um dom que a Providência nos confiou. Mais ainda, um depósito de confiança que Jesus, nosso Esposo, nos entrega, para que cuidemos para Ele e o façamos crescer.

Um financista muito especial

- Também queria te perguntar como conseguiste abrir tantos colégios. Porque dinheiro, não creio que tivesses muito...
 - Nem muito e, quase te diria, que nem pouco! Mas, contava com a divina Providência como entidade financeira e ela se encarregava de enviar-me seus agentes da bolsa e de câmbio.



- Agentes... da bolsa?
– *Claro! Deus sabe como mover os corações... e os bolsos. Algumas vezes eram Bispos, como o de Burgos, que chegou a compartilhar conosco o que lhe serviam à mesa. Ou o de Segóvia, que engraçado! - chegou a pensar que éramos ricas...*
- Bom, isso também acontece agora... Porém, ajudou-as?
– *Claro que sim! E, depois, quando o transferiram à diocese de Córdoba, pediu-me um colégio para sua cidade, porque era de Pozoblanco, sabes? Outro que nos recebeu muito bem foi o Bispo Prior das Ordens Militares, na Cidade Real; ainda que, na verdade, em terras manchegas nunca faltaram pessoas que nos ajudassem... Uma vez eram os párocos, outras os próprios pais que queriam nossa educação para suas filhas; todos nos chamavam...*
- Estás te referindo aos colégios de Almadén e Valdepenas?
– *É sim, a essas terras de mineiros e de bom vinho generoso... Mas, a mim, o que me deu uma alegria muito grande, foi o terreno que nos cederam em Manzanares, com as ruínas do que havia sido convento dos Carmelitas; diziam que ali havia estado Santa Teresa!*
- Abriste mais colégios em La Mancha, não é mesmo?
– *É que eu compreendo bem porque Cervantes situou*



Dom Quixote nesta terra, pois não me faltaram “quixotes” que me fundaram colégios e os doaram para as crianças de suas cidades. Lembro-me de dona Rosário, minha doce e triste amiga de Santa Cruz de Mudela; e ao bom Dom Sebastião, tão genioso e tão generoso, em Barajas de Melo... Não gostava nem um pouco de freiras, quando o conheci, e já vê: depois, tinha que segurá-lo porque tudo lhe parecia pouco...

- Essas seriam as fundações mais fáceis, não?
– *Olha, nem sempre. Porque em Santa Cruz de la Zarza a pobre Dona Ceferina morreu antes de terminar de arrumar os papéis e não sabes os desgostos que seus sobrinhos me deram... E aquele padre de Arroyo del Puerco, que prometia pratas e ouros e quando chegamos, os “generosos doadores” prometidos brilhavam por sua ausência... E bem doente que eu estava, pois Deus já ia me dando seus avisos...*
- Porém, não terminou tudo em La Mancha...
– *Claro que não! Com a vontade que eu tinha de tornar a Congregação presente no norte e o que insistiam e ajudavam... Tudo, é preciso dizer, as famílias de algumas religiosas navarricas que tínhamos... Pudemos abrir casa em Murchante, à base de subvenções da Prefeitura e a cessão de um edifício em ruínas do Bispado, pelo qual, se me descuido, me cobram o aluguel... Ao final, o conseguimos gratuito, mas tivemos que reformá-lo porque*



se caía aos pedaços. E tivemos ali, além disso, escolas dominicais para empregadas domésticas, como dizem agora; chegamos a ter setenta...

- Falando de obras, em El Escorial...
 - *Ah! Sim! O primeiro edifício que construímos para colégio: uma glória, tão novinho e organizado de acordo com planta feita segundo mais convinha. Foi um internato para os órfãos do Corpo de Carabineiros, cujo Coronel era meu amigo...*
- Já vejo que amigos não te faltavam...
 - *Não, filha, o que me faltou foi o tempo. Pois já tinha licença diocesana para abrir uma residência em Pamplona e um colégio em Sesma e outro em Pozuelo, pertinho de Madri... Mas, a morte sempre chega quando ainda há muito para fazer!*

Espanha... e mais além

- Uma coisa mais, já termino... Todos os colégios os abriste em Espanha...
 - *Porque não me deu mais tempo! Mas, já advertira às filhas que tinha então que, se eu não chegasse a fazê-lo,*



que se encarregassem elas de ir mais além... Já vês, tão claro ficou, que demoraram apenas um ano em irem para a América. A Itália, onde eu também queria ir, demoraram mais...

- E por que esse afã de chegar a todo o mundo? Não há bastantes necessidades em Espanha, sem ir mais longe?
 - *Na verdade, na verdade... tu dizes isto porque te preocupam os daqui, ou...? Vejamos: quando encontras “aqui” uma pessoa afastada de Deus, deixarias que te cortassem um braço a fim de atraí-la?*
- Um pouco forte, não? Tu não tiveste medo do martírio?
 - *Medo?! Desde jovenzinha sempre considerei a possibilidade de dar minha vida por Deus como uma sorte.*
- Sorte?
 - *Quando se ama de verdade, se está disposto a tudo... E não deixa de ser o caminho mais rápido para se encontrar com Deus... Tardava-me tanto!!*
- Pediste alguma vez a morte?
 - *Não, filha, isso tem que chegar quando Deus quer, nem um minuto antes, nem um minuto depois.*
- Mas, aos 63 anos, com tudo o que faltava por fazer na congregação...



– Já te disse que sempre nos fica algo para fazer. Se tivéssemos que terminar tudo, nunca morreríamos...

- Ficamos sozinhas cedo demais!
– Sozinhas?! Nunca as deixei sozinhas. Desde o céu, continuo cuidando da Congregação em geral e de cada membro da família concepcionista em particular.
- Continua fazendo-o, Madre Carmen...



Ao encontro de Deus



Agora, Senhor!

“**E** agora, Senhor, segundo tuas promessas, podes deixar tua serva ir em paz.”

Algumas promessas do Senhor e alguns desejos de Carmen Sallés tiveram bastante que ver entre si. Ela experimentou alguns com particular intensidade. Concretamente, três: a aprovação de sua Congregação pelo Papa, uma casa própria em Madri, com sua capela em honra da Imaculada e que se pudesse trazer a ela o noviciado, para tê-lo bem perto.

Seu Senhor lhe havia feito sentir que sim, que ia cumprir seus desejos. Mas, à altura de 1907, Carmen continuava esperando. E ficou doente. Os médicos disseram que era o final. As filhas choravam; a Madre sorria. Dizia: *“faltam-me três coisas e sem elas não posso morrer...”* Não morreu, claro.

E depois, tudo depressa. O Decreto de Louvor, assinado por São Pio X, em 1908; a casa própria da rua da Princesa, no mesmo ano; e os primeiros hábitos colocados no noviciado madrilenho, em 1910.

Em agosto de 1911, uma de suas filhas escreverá: “As três coisas já estavam conseguidas e isto, ao cair doente, lembrávamos entre nós e ficávamos cheias de medo e de dor... Outra coisa mais havia prognosticado e a véspera de N.S. do Carmo ocorreu; mas não lhe dissemos...” Não fosse ela ficar mais apressada!



Mas, ela se apressou. Diz um de seus teólogos consultores: “com a realização dos três desejos, aproximou-se o “nunc dimittis” da serva fiel. A enfermidade acelerou o caminho para o cumprimento de sua etapa terrena...”

Irmão corpo

Abril, 1911. Carmen Sallés celebra seus sessenta e três anos, no dia nove. Poucos dias depois as concepcionistas comemoram o décimo nono aniversário da aprovação das Constituições pelo Arcebispo Gómez Salazar. Era, e é, Domingo do Bom Pastor.

Primeira Missa da manhã. Ainda que não se encontrasse bem, Carmen vai, participa dela e recebe a comunhão. Às dez horas, Missa solene. As religiosas perguntam: onde está a Madre? Na cama, com uma dor aguda que não cede... *“aqui não fui quem quis; caí na cama para não me levantar mais.”*

Passa um mês, da cadeira à cama e da cama à cadeira. O médico não acerta o diagnóstico. Para conseguir situar o mal no fígado, foi preciso que, no quatorze de maio, Carmen amanheça com a tez, geralmente tão branca, tingida de intensa cor amarelo - esverdeada.



Cinco médicos. Os cinco, um depois do outro, coincidem: não tem jeito. Ao fígado e à diabete, juntou a hidropisia: ventre, pernas e pés com tal inchaço que não pode nem trocar de posição; nas pernas se lhe abrem várias feridas; a direita, especialmente, está negra... Chegará também a gangrena? Para evitá-la, queimam, a sangue frio; os médicos não se atrevem a aplicar-lhe anestesia... A doente, por sua parte, não diz nem um ai!

Afoga-se. É preciso diminuir o inchaço, extraindo-lhe líquido do ventre. Como não se atrevem a movê-la, o médico vem à casa, para a operação, de novo sem anestesia. Antes, Carmen brinca com os instrumentos, pergunta seus nomes... Depois, faz sinal às religiosas que a acompanham, para que levem água ao médico para se lavar. Ela não se queixa, mas o médico não agüenta e diz: “Esta mulher não é comum!” As filhas já o sabiam...

Preparando uma longa viagem

A enfermidade tem seus altos e baixos. O menor indicio positivo é acolhido pelas religiosas com esperança... “Já está melhor!” E Carmen não sabe como lhes explicar que não, que têm que se convencer de que ela vai morrer e que vai ser logo.

Dedica o mês de junho a explicar às Madres que formam o Conselho todos os detalhes que conside-



ra vão precisar levar em conta, quando ela não estiver. “Como tinha a cabeça tão lúcida, se lembrava de tudo”, dizem.

E claro, sofrem porque vêem que ela se lhes foge. Ela, ao contrário, está tão tranqüila que, às vezes, lhes parece que as instruções são apenas para preparar uma ausência um pouco mais longa do habitual, como fez outras vezes, antes de sair de viagem para algumas de suas andanças fundacionais...

Ela as faz voltar à realidade: *“Levem em conta que ainda faltam coisas importantes... não seria mal que eu ficasse um pouco mais, mas creio que o Senhor não o quer...”*

E chega julho. Já todos os assuntos estão em dia. Agora, só se preocupa com as irmãs, as filhas que ficaram... Com as forças tão debilitadas que precisam sustentar-lhe o braço, as abençoa: as que estão perto de seu leito e as que, de longe, compartilham a angústia de uns dias que se sabe são os últimos *“A todas, as presentes e as ausentes...”*

Dá os últimos conselhos de mãe: *“continuem unidas, querendo umas às outras, de verdade. Amem a congregação... Lembrem-se sempre que seu hábito há de ser um reflexo da beleza que levam dentro... E lembrem-se de rezar por mim.”*

Eleva-se um coro de protestos: como vão se esquecer dela?

“Eu também... Muito as amei nesta vida, muito as amarei na outra. Desde o céu cuidarei de vocês”.



Em sonora solidão

Rodeada de religiosas e familiares. Mas, a sós com Deus, na hora suprema...
O que sente, quando entreabre os olhos e suspira: *“Meu Deus, como sois generoso em dar!...”*?

O que aconteceu quando, olhando para o lado, disse a uma das presentes: *“Diga-lhe que deixe a Virgem passar; que a deixe...”*?

Como foi o último encontro eucarístico, no Viático longamente preparado?

Quando foi o último suspiro, que nem Madre Providência, a seu lado, pôde percebê-lo, porque aconteceu *“sem nenhum movimento, como um sono suave”*?

25 de julho de 1911...

Carmen Sallés já não está. Mas não passou em vão. A obra continuará crescendo, tanto que o Cardeal Suquía pode expressar sua admiração: **“Maravilhoso testamento o seu para o Instituto espalhado por todas as partes, no mundo inteiro: aproximar-se da Imaculada, repartir o pão da cultura e a liberdade que a graça dá.”**

... e estas são as
suas obras





Carmen Sallés portadora
de um facho de luz



A luz da educação Concepcionista

Vimos passar um facho de luz. Vimos brilhar uma luz, com fagulhas de mil cores, vibrando na vida e na obra de Carmen Sallés.

Ela, como João, “não é a luz”. Ela, simplesmente, recebeu uma tocha, E passa-a para nós. Mas, perguntamos: que mãos a carregaram antes?

Quem acendeu a luz?

Os primeiros, os precursores nesta carreira de relevos... quais foram?

– A primeira luz brilha – quem pode duvidar? – no lar, em seu próprio ambiente familiar. A educação que recebe, conjugando ternura e exigência, vigilância e liberdade, forma um primeiro substrato... A inteireza de caráter dos pais aflorará, mais ou menos conscientemente, na filha...

– Também a influência de suas educadoras, no “O Ensino” manresano que haviam percebido a luz de Montaigne, o filósofo, cuja sobrinha, não por acaso, era a fundadora da Ordem de Nossa Senhora



do Ensino; para seu tio estava clara a **importância da instrução, acompanhada da moral**. A sobrinha e suas filhas e seguidoras acolheram também a iluminação dos postulados básicos na educação jesuítica: **Virtude e Ciência**

– Os Escolápios, bons amigos de Carmen Sallés e seus colaboradores na formação das primeiras safras de jovens concepcionistas, eram os transmissores da tocha de Calazans: **“Piedade e Letras”**.

– Concepción Arenal, contemporânea de Carmen e inquieta como ela, marcou, com sua vida e com suas obras – algumas de título bem sugestivo, como “A Mulher do Futuro” – quem estava precisando com maior urgência de luz: a **mulher**.

Primeira etapa:

Carmen recebe o bastão e reúne todos as “cintilações” para emitir sua própria luz:

**EDUCAR CONSISTE EM PROMOVER
O DESENVOLVIMENTO EQUILIBRADO
DE CABEÇA E CORAÇÃO.**



Marcos da Luz

Carmen pegou o bastão. E corre para a segunda etapa. **Quem receberá a tocha?** Com o “olhar na meta e aparência peregrina”, tantas vezes cantados, inicia a caminhada, compassando a respiração:

Inspira profundamente: *“Sejam poços que se encham, pelo estudo e a oração, de ciência e de virtude, para depois reparti-las.”*

Expira, pausadamente: *“A instrução sozinha não é suficiente. É preciso entrar na alma, para lhes ganhar o amor e levá-los a Deus, que é onde está o verdadeiro amor”*.

Corre ritmicamente, respira: inspira – expira, inspira – expira, inspira...

Inspiração: estudo – oração. Expiração: dar amor – ganhar amor.

Inspiração: ciência – virtude. Expiração: levar ao Amor...

Segura firme o bastão, mantém, no alto, a tocha: Inspira: *“Assim que estiverem cheias de Deus, irão infiltrando-o nos outros, sem se dar conta...”*

Expira: *“Ensinem mais com o exemplo do que falando...”*

Corre o cronômetro da vida. Corre Carmen Sallés: um colégio, outro colégio... Inspira – expira, inspira...



Durante o percurso, não há placas com anúncios de marcas comerciais, mais ou menos famosas; mas, junto às balizas, mãos anônimas oferecem – como bebida refrescante ou como palavra de ânimo – suas próprias faíscas de luz, que se multiplicam, multicores, somando-se à grande tocha crepitante que avança... , avança... , avança... e ilumina.

Uma faísca: **Laboriosidade.**

Outra... : **Simplicidade.**

E outra...: **Proximidade...**

Carmen aproxima a tocha a cada pequena luz, e expira – inspira:

– “*A ociosidade não penetre em nosso recinto...*”

– “Faz o que fazes, faze- o bem, faze-o por Deus...”

– “Com as menores, simplicidade e doçura...”

– “Com as maiores, interesse por seus interesses...”

Carmen Sallés chega à meta onde terminará sua etapa. Preparados, com a mão estendida para receber a tocha, os educadores concepcionistas aguardam: professores, pais, representantes de alunos... todos dispostos a se converterem, eles também, em testemunhos da luz.



Segunda etapa:

Carmen Sallés passa a tocha. Sua etapa está cumprida. Alcançou a meta que se propôs ante o Arcebispo de Burgos, naquele distante 1892:

**PREPARAR MESTRES E EDUCADORES
CONCEPCIONISTAS.**

A “concentração” Concepcionista

Aspirantes ou cadetes, na categoria infantil ou juvenil, masculina ou feminina... eles são a “concentração” (a equipe) concepcionista, que é o mesmo que dizer que eles são o futuro, a razão do presente.

Carmen quis, para eles, um treinamento exigente:

“Todos se esforçarão para se instruírem e aprender tudo que se lhes ensine, aplicando-se para adiantar na ciência e em tudo que devem saber”.

Sem diminuir a exigência, supõe-se uma preparação gradual, progressiva, porque nem todos possuem a mesma forma física, nem psíquica, nem espiritual... As instruções de Carmen Sallés aos educadores–treinadores,



antes de cada sessão, é: *“Levantem o ânimo dos que se sentem inferiores...”*

Ou seja, que, no quadro dos selecionados, devem figurar também *“os desamparados”, “os que não têm pais”* e até aqueles que parecem *“mais indisciplinados”*.

No manual de instruções se avisa também de que a corrida não é para dar espetáculo, mas que a tocha chegue a todos: *“a todas as classes sociais”*.

E... olho nos aspirantes! Quanto mais cedo comecem a correr, melhor; nunca é muito cedo ou, como diz Major Zaragoza, *“amanhã sempre é tarde”*. Eles são os que melhor se encaixam nas *“razões de fundo”*, que um dos teólogos consultores adivinhava no planejamento de Carmen Sallés:

“Não só combater o mal já existente no mundo e nas pessoas. Na educação via, mais que um paliativo a males já acontecidos, uma preservação, antes que pudessem acontecer.”

O que se quer evitar é o que em nossos dias Julián Marías chamou de *“vidas mal traçadas”*. Para que não o sejam, para que não as haja, os portadores da tocha concepcionista recebem um importante suplemento vitamínico, receitado – como não? – por Carmen Sallés:

“No meio de seu trabalho se apresenta, formosa, sorridente, cheia de luz, a figura de Maria Imaculada. Levantem os olhos a Ela que Ela lhes dará força, Ela lhes dará coragem...” A força e a coragem necessárias para completar aquele *“homem inacabado”* de que nos falou David Sacristán.



Terceira etapa:

Os educadores correm junto com suas equipes de aprendizes de vida, passando-lhes a luz recebida para eles:

“QUE TODOS POSSAM VER QUE VOCÊS FORAM EDUCADOS NA CASA DE MARIA IMACULADA”.

Falta ainda responder a uma pergunta: Quem serão os vitoriosos? Tudo está previsto. Cumpridas as etapas, bronze e prata para a sociedade e família. Ouro, para a Igreja: a atual, peregrinante, e a do futuro, definitiva. São eles, os jovens, os que ganham as medalhas para estes *“clubes”* e, ao mesmo tempo, os que desfrutam delas, tornando realidade o sonho de Carmen Sallés:

“Preparar pessoas para que formem famílias cristãs, sejam membros úteis de sua sociedade e, quando chegar o momento, felizes habitantes do céu”.



A voz de Deus



Cuidarei de vocês

Confiar na Providência e esperar da Trindade todos os dons necessários... Carmen Sallés havia explicado e exercitado este ensinamento mais de uma vez. As filhas e os amigos aprenderam-no. E acrescentaram um ponto mais: ela, Carmen, seria sua intermediária... Ela o havia prometido: “*do céu velarei por vocês...*”

Mal havia partido e o sacerdote que acompanhou seus últimos momentos exclamava: “Não! Eu não consigo rezar por ela. Só consigo recomendar-me a sua intercessão... Já me alcançou uma graça!”

E como ele, muitos. No processo de beatificação, médicos e teólogos estudaram, com especial particularidade, uma bela história: o carinho e a confiança de uma filha e a resposta de uma mãe. A filha se chamava Amélia Román e era Concepcionista desde que, a seus dezenove anos, se enamorou de Cristo e quis segui-lo “ao estilo de Maria Imaculada”. A mãe, claro! se chamava Carmen Sallés e estava já no Céu, ensinando-lhe o caminho

O que aconteceu a Irmã Amélia?

Durante dez anos, aquela jovem robusta, procedente de uma cidadezinha leonesa, rezou, trabalhou e foi feliz. Depois, começou a perder suas cores e



peso, muito peso... chegou a pesar trinta quilos em pouco tempo. E também tinha fortes dores nas costas e custava-lhe muito se abaixar... Eram os primeiros passos de uma penosa via-sacra.

Veio o médico da casa, examinou-a e diagnosticou uma tuberculose vertebral. Receitou descanso, cama dura e superalimentação. Não funcionou.

Enviaram-na a Alicante para ver se os banhos de sol poderiam ajudar a terapia recomendada... Mas, de nada adiantou.

Entretanto, na Espanha se proclamava a II República. E começava a queima de conventos. A casa concepcionista de Alicante não foi vítima do fogo, mas não se livrou dos desmandos... As superiores pensaram que, talvez, a enferma devesse ir passar uns meses junto com sua família, esperando que o carinho familiar e os ares da terra natal pudessem ajudá-la. Ali, consultou o senhor Baltasar Otero, que era médico e parente seu... Nem mesmo assim.

Talvez em Madri... Na comunidade da rua Princesa, o médico da casa fazia “um diagnóstico claro, contundente e inconfundível com o outro, de **espondilite tuberculosa**, em estado tão avançado que supõe forçosamente **incurabilidade absoluta, quanto à lesão e fatal para a vida da enferma, dentro de poucos anos**”.

Ele solicitou o parecer de outros médicos. Os doutores D’Harcourt, Esteban J., Estena M., e Otero confirmaram o diagnóstico e o prognóstico.



Mais dois anos, lentos e dolorosos... Nas costas, se lhe abriu uma ferida purulenta... Seria possível uma intervenção cirúrgica...? No Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Madri, o catedrático de cirurgia Dr. Cardenal ratificou o diagnóstico, agravado pela aparição do abscesso e acrescentou: “nenhum tratamento cirúrgico é possível; a morte é questão de meses”.

E agora o que fazer?

Por conselho do médico da casa, Irmã Amélia foi enviada a San Lorenzo de El Escorial ... Pelo menos que desfrutasse de tranqüilidade, ar puro e paisagens bonitas... O doutor Enciso não esperava vê-la de novo.

Mas, apenas dois meses depois, a Superiora Geral lhe pedia que visitasse a doente que se encontrava em Madri. O médico resistia, dizendo: “mas não posso fazer nada por ela...” A Madre insistia... Por fim, cedeu, viu e... não podia acreditar no que via. Assim ele explicou:

“Fui surpreendido pela presença da enferma, total e absolutamente curada. Todos os sintomas, inclusive o abscesso com a cicatriz, sem exceção, haviam desaparecido; a impossibilidade de movimento havia sido



substituída por uma total liberdade para todos eles e as radiografias que mandei tirar confirmaram, sem nenhum gênero de dúvida, esta espontânea e rápida cura, sem deixar seqüela nenhuma da doença, nem física, nem funcional”.

Novamente, a percorrer o caminho das visitas a médicos e hospitais. Agora, para que todos comprovassem a cura. O Dr. Cardenal contemplou, atônito, a presença de vértebra novas, jovens, no lugar correspondente às danificadas. Seu ajudante, impressionado, confessava que o feito era uma chamada à fé em que fora educado e da qual havia se esquecido nos altos-e-baixos da vida.

Mas, o que aconteceu?

Na vida da Irmã Amélia, indubitavelmente, há um antes, que já descrevemos, e um depois que dura até sua morte, quarenta anos mais tarde, causada por um câncer intestinal. Mas, antes e depois... de quê? O que aconteceu nos dois meses que passaram entre uma e outra visita médica?

Ocorreu que a Irmã Amélia queria se curar, o que não tem nada de particular, ainda mais em uma enfermidade tão dolorosa. O que era muito particular era o carinho que tinha a sua fundadora, Carmen Sallés. Tanto como para desejar mais sua beatificação, o reco-



nhecimento de suas virtudes pela autoridade da Igreja, que sua própria saúde...

E saiu-lhe uma oração não muito comum: “Madre, consiga minha cura, para todo o tempo necessário, até que possa ser considerado um milagre válido para sua beatificação... E depois, se Deus o quer, pode voltar a enviar-me esta enfermidade ou outra pior...” Não é este o estilo de Deus, porém diz muito a favor do estilo desta religiosa tão simples...

Houve outro fator. A força da oração em comum: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu Nome...” Irmã Amélia quis fazer sua novena – aquela oração à Trindade, pedida com tanta insistência – em companhia de suas irmãs de comunidade. De todas, inclusive das noviças e postulantes, que estavam na mesma casa, mas em grupo separado... Pediu-o à Madre Mestra; e as jovens o levaram tão a sério que, ainda hoje, consideram que foram elas, que a força de sua própria oração é que alcançou o milagre...

Porque, naquele último dia da novena, havia poucas religiosas na capela. No coro, sim: o noviciado em cheio, pedindo o milagre com um entusiasmo que não puderam esquecer. Embaixo, a Irmã Amélia, que, pela manhã, havia recebido o Viático e a quem fora muito difícil e doloroso chegar ali e umas poucas mais, porque um grupo de familiares de alunas de Madri havia almoçado na casa e era necessário atendê-lo.



E aconteceu. A enferma buscou forças em sua fraqueza e orou com toda sua alma. Durante a última oração sentiu uma forte comoção interna e uma sensação suave, como uma mão passando por suas costas. Permaneceu quieta, assustada, até que, decidida, cruzou os braços... Podia fazê-lo!! Deixou que terminasse a reza do terço e que as irmãs fossem chegando... Depois, se pôs em pé, em meio de todas, exclamando: “Irmãs, estou curada!” e, subiu, sem ajuda, a escada que conduzia à sala de comunidade.

Assombradas, incrédulas, as Irmãs não conseguiam acreditar: “Coitada! É tão grande sua vontade de sarar, que acredita que está curada ...” Deram-lhe dois baldes de água, um em cada mão, fizeram-na levantar-se e abaixar-se... A pianista, sem pensar duas vezes, sentou-se ao piano e começou a tocar uma “jota” (bailado típico) que a “enferma” dançou com toda vontade.

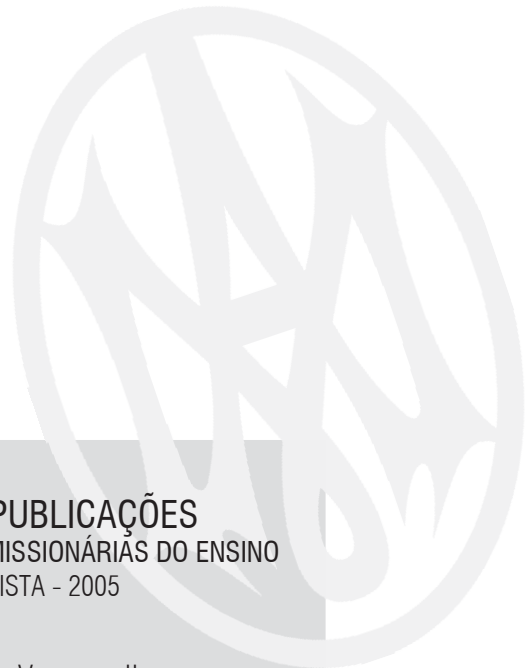
Chamaram a Superiora. A Superiora telefonou a Madri, para a Madre Geral. E a Madre Geral disse que ficassem tranquilas e esperassem uns dias, para ver o que aconteceria... E não aconteceu nada, ou seja, continuou acontecendo tudo e a irmã continuava fazendo provas para demonstrar, a quem quisesse vê-la, que podia até capinar na horta!

Assim que foi a Madri. E a viam e não acreditavam. E veio o médico que não a queria ver. Mas que, finalmente a viu e testemunhou: “Juro por minha fé, como cristão,



e por minha honra como médico, que a ciência não tem explicação para esta cura”.

É apenas um caso, um episódio das maravilhas que Deus faz por suas criaturas, quando recorrem a Ele com aquela fé que pode transportar montanhas, ou mais simplesmente, com a fé daquele pai atribulado: “Creio, Senhor, mas aumenta a minha fé”. É, também, uma demonstração da força da amizade, do cumprimento de uma promessa: “*Do céu, cuidarei de vocês...*”



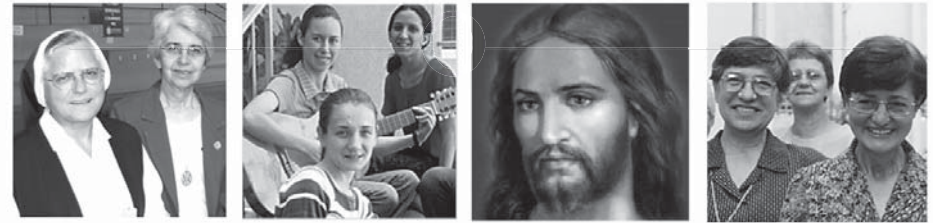
COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES
IRMÃS CONCEPCIONISTAS MISSIONÁRIAS DO ENSINO
2ª EDIÇÃO REVISTA - 2005

Tradução: Maria Pilar de Vasconcellos

Supervisão: Ir. Vera Costa Milani

Produção Gráfica: Ednilson S. Coelho

Impressão: Grupo Impressor - São Paulo - SP



Irmãs Concepcionistas Missionárias do Ensino

Uma Congregação que se dedica a
EDUCAÇÃO em: Escolas, Lares, Creches,
Paróquias, Obras Sociais e Missionárias.

Ideal

Evangelizar através
da Educação,
difundindo o Amor
a Maria Imaculada

No Brasil

Belo Horizonte, Brasília,
Embu-Guaçu, Fronteira,
Jeremoabo, Machado,
Mococa, Passos,
Rio de Janeiro e São Paulo.



No mundo

Brasil, Camarões, Coréia,
Espanha, Estados Unidos,
Filipinas, Guiné Equatorial,
Índia, Itália, Japão, México,
República Democrática
do Congo, República
Dominicana e Venezuela,

Secretariado Vocacional

Rua Humberto I, nº 395 - Vila Mariana
Cep: 04018-031- São Paulo - SP - Tel.: (11) 5539-2577
pv@concepcionistas.com.br - www.concepcionistas.com.br